

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

A Tribuna

Class.:

30

Data:

17.09.80

Pg.:

Funcionária da Funai confirma invasão em área indígena

BELÉM – Recente denúncia da índia Xicrin Eleides Iredian, de que a Fazenda Gran Reata está utilizando desfolhantes no desmatamento de áreas da reserva indígena de Conceição do Araguaia, acaba de ser confirmada pela chefe da ajudância da Funai em Marabá, Mara Leal, que encontrou o produto químico na cabeceira da pista daquela fazenda, além de constatar a existência de uma área onde foi usado.

Mara Leal, que esteve na Reserva Xicrin após a invasão dos índios à Fazenda Japonesa, revelou que o uso indiscriminado desse desfolhante estaria provocando, além de cegueira nos macacos e jacobitis, problemas de ordem genética nos índios, que há algum tempo apresentam infartação de gânglios. Acrescentou que os Xicrins estão inquietos, com medo de também ficarem cegos. A chefe da ajudância da Funai em Marabá, que durante três anos chefiou o posto do órgão em Cateté, Reserva Xicrin, disse que momentaneamente a situação de beligerância está contornada na área, mas os índios se sentem ameaçados pelos brancos das fazendas Gran Reata e Pau Darco, que invadem suas terras para retirar mogno e usam desfolhantes no desmatamento. Segundo ela, uma grande área já foi desmatada dentro da Reserva Xicrin, onde derrubaram mais de 20 mil árvores de mogno.

Com bastante experiência entre os Índios Caiapós, Mara Leal levanta algumas dúvidas quanto ao massacre na Fazenda Espadilha. Depois de dizer que não acredita tenham os índios praticado violência sexual e considerar a matança de crianças como fruto do entusiasmo dos índios mais jovens – porque os Caiapós nunca atacam crianças – ela levantou suspeitas sobre a participação de grupos interessados em jogar posseiros contra os índios para ficarem com as terras.

Na sua opinião, o conflito deve ter sido arquitetado por esses grupos, pois existem muitos pontos obscuros na história do massacre. Como exemplo, citou o fato de que oito mortos da Fazenda Espadilha eram garimpeiros. "Como se explica a presença deles lá? Quem os colocou ali?", indagou. Lembrou, também, que o saque feito no cofre da fazenda não é obra dos índios. "Como se explica isso?".

CONFLITO

Por outro lado, após o levantamento da situação, realizado pela Diocese de Juazeiro a pedido do Conselho Indigenista Missionário, o bispo D. José Rodrigues denunciou ontem nesta Capital, antes de embarcar para Roma onde fará visita "ad limina" ao Papa João Paulo II, a iminência de um conflito entre os Índios Trukas e os funcionários do Departamento de Provisão Vegetal, acusado de invadir as terras e arar o cemitério da tribo.

Os Índios Trukas vivem na Ilha de Assunção, município pernambucano de Cabrobó e uma das áreas de maior produção de cebola do País, escolhida pelo DPV para se instalar em 1962. Em janeiro deste ano, segundo denúncia da tribo ao CIMI, a roça comunitária dos Trukas foi invadida pelo Departamento de Provisão Vegetal, que inclusive cercou o terreno onde está situada a igreja dos índios.

A pedido do CIMI, a Diocese de Juazeiro mandou à Ilha de Assunção, a assistente social Creusa Aparecida Lopes com a finalidade de promover um levantamento completo da situação dos Trukas. Em seu relatório, já entregue ao bispo D. José Rodrigues, a sra. Creusa Lopes confirma as denúncias dos índios e revela ainda que a invasão de 17 hectares de terras onde os Trukas cultivavam sua roça comunitária foi feita com a cobertura da polícia, que estava armada.